

A filosofia nas séries iniciais – Aprendizagem para professores e alunos

Geraldina Elias Bonfim [\(1\)](#)

Resumo: O texto fala da experiência docente de uma professora regente da 2ª série do Ensino Fundamental e das transformações vividas no espaço escolar a partir da implantação do Projeto filosofia na escola. Sinaliza a importância do encontro com a filosofia para os sujeitos participantes do projeto: professora, crianças e mediador.

O estudo da Filosofia é essencial porque não imagino ser humano que não deve ser instigado a pensar, refletir e depois agir. Penso que a filosofia oferece condições para a superação da passividade.

A inclusão da filosofia na escola, nas séries iniciais, tem sido muito importante na ajuda da estimulação do pensamento abstrato e no desenvolvimento da autonomia do pensar das crianças. Para que estas possam crescer críticas sobre si mesmas e sobre o mundo que as rodeia e mais, possam perpetuar sua curiosidade natural, perpetuar o assombro, a admiração própria com a qual vê o mundo:

“As crianças pequenas e a filosofia são aliados naturais, pois ambos começam com o assombro. Mas ainda, só os filósofos e os artistas se comprometem sistemática e profissionalmente em perpetuar o assombro, tão característico da experiência cotidiana da criança.” (Lipman., 1999, p.24)

Essa iniciativa deveria ser adotada em todas as escolas, levando não só os alunos, mas todo o corpo docente a se (re)integrar. Por vezes podemos notar muitos adultos agindo como crianças porque não exercitaram desde cedo um pensamento crítico do mundo que as rodeia. Com esse intuito engajei-me nesse desafio filosófico praticado na escola desde 2003, com a intenção de preparar as futuras gerações numa prática constitutiva de espírito crítico e de libertação do senso comum, para que nós professores pudéssemos juntos acompanhar o desenvolvimento desses alunos através de tal prática.

O Projeto Filosofia na Escola

Até hoje continuo me perguntando o que é realmente a Filosofia? Vários pensadores discorreram sobre isso. Nós, alunos, professores e mediadores também discutimos muito sobre o tema.

Pensando junto com as crianças sobre o que é filosofar, colhemos muitas visões interessantes como a da aluna Liliane da 2ª série, 7 anos, que disse que estava observando a oficina e viu que Filosofia era tudo o que estava acontecendo naquele momento como as perguntas, as respostas curiosidades, conhecimentos

das coisas que não conhecemos e que gostaríamos de conhecer. Disse que por isso lia bastante e queria saber se existe um livro de Filosofia para crianças para que ela entendesse melhor. Esse exemplo de interesse de busca que não é incomum ser despertado pelos alunos na prática das oficinas é que me encanta, me faz continuar.

Através do diálogo procuramos, professor e mediador, incentivar o aluno a explicitar e refletir acerca de suas idéias tanto na escola quanto na sociedade em geral. Procuramos incentivar os alunos a lerem para obterem mais informações que os ajudem a fundamentar suas idéias e a avaliar e conceituar outros objetos de estudo.

Notamos que os alunos ainda não desvincilaram-se completamente das idéias formadas por adultos, porém já vemos que estão refletindo antes de responder e argumentar suas idéias. Na primeira problematização feita na sala, sobre discussão de gênero, eles já tinham um conceito pronto, fechado, trazido de casa, da família, dos professores, forjado no meio social, contudo sem qualquer elaboração própria ou pensamento crítico sobre tal discussão como o pensamento que panelas são usadas por mulheres porque cozinhar é serviço de mulher, assim como vassoura, batom e roupas cor de rosa. Em cima destas afirmações houve uma discussão, onde instigamos, escutamos, interrogamos para que os alunos pudessem estar pensando sobre o assunto. Porém sem interferir nos valores, sem impor nossas respostas, nosso pensar, alunos argumentavam e contra argumentavam, derrubavam tabus, elaboravam idéias discutiam assuntos polêmicos, despertados na discussão, como homossexualidade, papel do homem e da mulher na sociedade, o que faz um homem ser homem e uma mulher ser mulher?

É visível nos alunos a empolgação pela aula de Filosofia, através das oficinas vão ficando mais participativos, mais envolvidos com a atividade. Venho procurando manter essa dinâmica em outras aulas como matemática, português e principalmente nas aulas de ciências que estão interligadas com os textos em que eles estão mais interessados e que vêm gerando grandes discussões envolvendo a maioria dos alunos. Depois destes textos já não preciso nem pedir que leiam, eles próprios já procuram os textos que querem discutir e relacionam com os outros que estão estudando.

Acredito que não é objetivo do projeto transmitir o conteúdo ou trabalhar as habilidades escolares, mas estamos sempre mesclando-os com os demais momentos de sala de aula para que os alunos estejam sempre na mesma empolgação. Não sei se é comum alunos de 7 e 8 anos acharem que as oficinas filosóficas devem ser conduzidas por eles mesmos e por suas curiosidades. É o que têm acontecido em minha sala de aula. Eles tomam a frente dos debates, escolhem o tema que querem discutir na próxima oficina e começam a se ocupar com ele, cada um expõe sua opinião pessoal, discute com o outro, indaga, replica, contesta, concorda e uma explosão de idéias, de sentimentos, a sala de aula transforma-se realmente numa grande comunidade de investigação, não só para os alunos como também para mim e para o o mediador. Nós conseguimos nos inserir completamente neste contexto. O mediador é o estudante da UnB, que vêm todas

as semanas para a sala de aula desenvolver comigo o projeto, nós dois no início planejávamos juntos, de acordo com o que achávamos pertinente, as oficinas, agora planejamos estratégias de acordo com o que as crianças propõe. Certa vez, por exemplo, eu e Maurício planejamos levar um pouco da história da filosofia para eles, trazendo o que outros filósofos pensaram, falamos sobre o “Mito da caverna” e as crianças adoraram e quiseram conhecer mais sobre Platão. Não há um tema específico, discutimos várias questões, gênero, pensamento, violência, natureza. O tema não é o foco central, mas a forma de se lidar com ele, de se ocupar com o pensar dele.

Às vezes acho que a filosofia deixa as crianças, ou até mesmo adultos como eu, com a cabeça cheia de peças como em um quebra-cabeças e ficamos a tentar montar, ver onde encaixa o que, onde montamos algo, ou, ao contrário, fazemos desmoronar tudo, desfazemo-nos de nossas convicções, remontamo-nos até fazer um pensamento nosso que depois de formado perde algumas peças e encaixa em seu lugar outras. A filosofia nos enche de dúvida, nos tira o chão, nos derruba as certezas, acho que ajuda aos alunos a trazer para fora algo que está dentro deles. Ela propicia aos alunos momentos onde se ocupam do pensar, se enchem de perguntas e dúvidas como a Iana quando falou para o Maurício (mediador da UnB, participante do projeto em minha sala): “Se foi o homem que inventou o fogo, me explica como se antes já existiam os vulcões e deles já saíam larvas de fogo. Estou confusa quanto a isso. De onde veio o primeiro fogo?”

Uma vez que entramos no caminho da filosofia, você entra em um labirinto cheio de interrogações que te acompanham sempre. Se pensarmos, veremos que ela se ocupa das mais diversas questões relacionadas à natureza, passado, presente, futuro do ser humano, desde o nascimento, passando por toda a vida, pelas condições de nossa existência, até depois de nossa morte, das coisas inerentes e referentes a todo o universo. Ela se ocupa também do nosso mundo interior, do nosso pensamento, da nossa imaginação. Caminhamos cheios de indagações, de incertezas, de teorias... através da filosofia fazemos uma ligação entre o nosso mundo interno(pensamentos) e externo(sociedade), damos a oportunidade de expressar essas incertezas, essas indagações:

O que é necessário é uma educação imbuída de um método de investigação comum que desenvolva a capacidade da criança abraçar tanto o seu mundo interno quanto os mundos externos da experiência enquanto, ao mesmo tempo, convida as crianças a descobrir a natureza do mundo no qual elas se encontram e como elas poderiam estar relacionar-se com ele de forma significativa . (Sharp, 1999, p.64)

Penso que todo professor deveria agir ao inverso da forma tradicional de ensinar, ao contrário de não para de falar, de despejar um amontoado de conceitos, fórmulas, conteúdos, deveria investigar as coisas a fundo, dialogando com os alunos numa relação de troca, onde o professor também é um pesquisador e despertada esse tipo de comportamento no aluno através do exemplo, ele também investiga, também procura resposta, também está em formação, também interessa-se pelas formas do saber e mantém com ele uma relação aberta, de troca e não de

manutenção, de posse, mas sim de curiosidade, de elaboração pessoal, de construção, desconstrução e reconstrução contínua. Assim a busca filosófica transforma-se em investigação permanente, nem em um determinado momento da aula, mas durante todos os momentos de interação pedagógica, ela permeia o aprendizado, trabalha a criatividade na busca de respostas e levantamento de hipóteses, trabalha o raciocínio, amplia a compreensão de mundo, aumenta a curiosidade e não permite a passividade de aceitar as situações e conformar-se, alunos e professores só têm a ganhar nessa busca, ela os tira do marasmo e modifica sua relação frente ao mundo, faz-nos acreditar homens e mulheres, meninos e meninas de cultura com diria o mestre Paulo Freire, na medida em que pensamos, nossas idéias vão fluindo e nosso comportamento vai se transformando. Essa investigação permanente leva ao pensamento autônomo e crítico que pressupõe aprendizagem e modifica o mundo:

Acreditamos no valor da educação que leva à reflexão. Crer nisso é querer que nossos alunos sejam pensadores autônomos, daqueles que pensam por si mesmos, que são gestores e não só repetidores do que outras pessoas dizem e pensam. Pensar por si mesmos é fazer julgamentos baseados em critérios escolhidos por sua própria conta, a partir de constatações pessoais racionais. Pensar por si mesmo é formar sua própria visão de mundo e desenvolver concepções próprias acerca do tipo de indivíduo que se quer ser e do tipo de mundo que se pretende viver. (Wonsovicz, 1999, p. 253.)

Não isso de que falo não é utopia, tem acontecido na prática nas aulas da turma em que trabalhamos na 2ª série. Não que tudo sejam pétalas de flores, os indivíduos, têm um ritmo próprio, alguns ainda precisam despertar, vão levar um tempo maior para isso, o “seu” tempo. Comparo a influência da filosofia no aprendizado dos alunos como se fôssemos guardando em nós uma porção de partículas, de elétrons numa trajetória livre com o tempo uns vão esbarrando nos outros e explodem, mexem no âmago, transformam, passam a ver seu dia a dia diferente, passam a acreditar nos seus pensamentos, como se eles estivessem saindo do escuro e passassem a enxergar a luz do dia e toda beleza que se encontra a seu redor. É como se saíssemos da caverna de Platão e realmente deixássemos de ver sombras para encarar a luz do sol, ainda que essa possa nos cegar temporariamente.

Reafirmo que a metodologia usada nas oficinas de filosofia pode e deve ser usada nos demais momentos da escola, estabelecendo uma relação diferente com os demais campos de conhecimento humano. Essa mudança de relação com o conhecimento, não é fácil, exige muito do professor que não teve formação nesse sentido, contudo é possível. A persistência, a constante atenção e vigilância para não voltar a tradicional fórmula já tão praticada, para a qual fomos formados. Nas aulas de português depois de trabalhar leitura, interpretação de texto, o professor pode levantar junto com alunos que outras questões aquele texto suscita, tirar dos próprios alunos as perguntas que deles surgem a fazer a interpretação de texto da turma. Colocar as perguntas junto com o nome do autor da perguntas, valorizar sua produção e pedir que os alunos em conjunto com o autor investigar as possíveis respostas. O professor não deve escolher as perguntas e apontar as

respostas, mas ser um mediador entre elas. Registrar as questões, coordenar as falas e a participação. Acho que os alunos podem ser criativos e fazer perguntas talvez mais questionadoras e profundas que as de adultos, basta que tenham espaço para isso, espaço esse dado pelo professor como nas oficinas de filosofia. Inclusive nas disciplinas mais cartesianas, os procedimentos devem ser ensinados, mas a maneira com se relacionam com o raciocínio deve ser diferente. Por exemplo, depois de trabalhar sobre a questão de baixos salários ganhos por seus pais, seus motivos ou a situação que leva o nosso país a ter um grande número de desempregados, os alunos podem formular problemas que envolvam o assunto utilizando operações matemáticas. Uma vez tendo o tema o professor deve discutir esse tema, não parar em uma só aula, um só momento. Deve ser dada a oportunidade para os alunos falarem, isso os dá a chance de refletir, desenvolverem suas idéias, trabalharem o raciocínio, ocuparem-se com o seu pensar, com suas idéias, mesmo para aqueles que quase não falam. Criar oportunidades do falar para que se manifestem, para desenvolverem-se também em seu aprendizado. Se o professor conseguir promover a discussão está garantindo oportunidades para o pensar. Acredito que fala e pensamento estão ligados, mas também acredito no pensamento dos que não gostam de falar, mas estão com os olhares atentos à discussão.

Por tudo isso, acredito que a filosofia é fundamental desde as séries iniciais para o desenvolvimento do raciocínio, da criticidade, do questionamento, do aprendizado, da elaboração e exposição de idéias. Da nova dinâmica que dá à sala de aula, a disposição em círculos, olhando uns nos olhos dos outros, para aprenderem a não se esconder-se a dialogar, para aprenderem desde cedo a lógica da dialogicidade que forma homens em comunhão, na amizade, na liberdade de expressar-se, de discordar do outro e de ser aceito em sua individualidade, na arte de aprender a ouvir o outro e de pensar com o outro, ainda que pensar diferente do outro.

Referências

Lipman. Matthew. “Como nasceu filosofia para crianças.” In Filosofia para crianças. A tentativa pioneira de Matthew Lipman. Vol. I, Coleção Filosofia na Escola. Petrópolis: Vozes, 1999.

sharp , Ann Margaret. “Experiência, significado e o desejável: Educação da imaginação” In: *Filosofia para crianças em debate*. Vol. IV, Coleção Filosofia e Crianças. Petrópolis: Vozes, 1999.

Wonsovicz , Sílvio. “Algumas reflexões sobre o ensinar a pensar, por meio da filosofia, no Brasil” In: *Filosofia para crianças em debate*. Vol. IV, Coleção Filosofia e Crianças. Petrópolis: Vozes, 1999.

Filosofia é:

Pensar

Perguntar

Questionar

Dúvidas

Respeitar, observar o belo, o feio, os planetas, até as crianças fazendo piruetas.

Crianças alegres, felizes, estudando

Brincando, cantando e até trabalhando.

Homens, mulheres pensando

Suas cabeças esquentando

O que será o amanhã?

Crianças na escola a filosofar.

Pais o ônibus a pegar

Para o trabalho chegar.

Questionar

Homens acorrentados?

Adultos de olhos vendados!

Que vivem trabalhando forçados?

Ou será um atleta, pensador de ombros largos?

Pensar

Na beleza da natureza!

Será que existe essa beleza?

Estou em dúvida.

Com o surgimento da água.

Com o pequenino grão de areia

Se o girassol realmente gira em torno do sol.

Se onde há fumaça há fogo.

Será que existem dois céus?

O que o sol tem a ver com a terra? Como surgiu o mundo?

Como surgiu o vulcão?

E os camelos? Como sobreviveram?

Assim nos colocamos a pensar...

Como é bom estudar!

Melhor ainda filosofar!

E atrás dos nossos sonhos a filosofia vai nos levar! ...

A filosofia vai ser sempre uma lembrança,

Em toda minha infância!

E quando eu crescer,

Dela jamais vou esquecer

De sempre comigo trazer.

Poema feito coletivamente pelos alunos da 2ª série da Professora Geraldina Elias Bonfim no ano de 2004, participantes do projeto de Filosofia.

(1) Professora das séries iniciais do Ensino Fundamental da Escola Classe 06 de Planaltina. E-mail: patriciaperegrino@yahoo.com.br